

*“Aí, político, eu sou  
a faca que arranca sua pele”:  
a política do cotidiano e os rappers brasileiros*



Thiago Nascimento. *Deejay*. 2013.

## *Roberto Camargos*

Doutorando em História pela Universidade Federal de Uberlândia. Autor do livro *Rap e política: percepções da vida social brasileira*. São Paulo: Boitempo (no prelo).  
robertoxcamargos@gmail.com

## “Aí, político, eu sou a faca que arranca sua pele”: a política do cotidiano e os rappers brasileiros\*

“Pay attention, politicians, I am the knife that rips your skin”: the daily life politics and the Brazilian rappers

Roberto Camargos

### RESUMO

Este artigo empreende uma análise de músicas e posicionamentos (que estão também em falas, discursos, entrevistas etc.) de *rappers* brasileiros, destacando sua dimensão sociopolítica. Partindo de uma definição alargada do político, tento demonstrar como a produção cultural desses sujeitos pode ser pensada como um contraponto crítico aos valores e práticas dominantes em determinado contexto histórico, no caso o momento de escalada do neoliberalismo no Brasil, com ênfase posta nos anos 1990 e na primeira década do século XXI.

**PALAVRAS-CHAVE:** rap; política; cotidiano.

### ABSTRACT

This article analyses songs and positions (also to be found in their discourse, speeches, interviews, etc.) of Brazilian rappers, stressing mainly their sociopolitical dimension. Based on a wide definition of what is political, I try to show how these players' cultural production can be thought as a critical counterpoint to prevailing values and practices in a certain historical context; in this instance, it is the rise of neoliberalism in Brazil, stressing the 1990s and the first decade of the 21st century.

**KEYWORDS:** rap; politics; daily life.



A ocasião: na cidade de Goiânia, no dia 8 de dezembro de 2008, realizou-se na Assembleia Legislativa uma sessão especial em comemoração à Declaração Universal dos Direitos Humanos. Lá estava, entre outros, o *rapper* Cláudio Roberto dos Santos, convidado para receber uma homenagem – a medalha de mérito legislativo Pedro Ludovico Teixeira – por sua atuação e militância nas causas sociais e, por extensão, a favor dos direitos humanos, por meio do *hip hop* e do Centro de Cidadania Negra de Goiás (Ceneg-GO). Dessa forma ele contribuiu, segundo o deputado estadual Mauro Rubem, do Partido dos Trabalhadores, para a afirmação da cultura negra, o combate ao racismo, à exclusão social e à violência, com trabalhos desenvolvidos em escolas e bairros periféricos.

Cena 1: ao receber a homenagem – um “metal preso em uma cordinha”<sup>1</sup>, conforme Cláudio Roberto viria a declarar – ele não se pronunciou em agradecimento. Quer dizer, não o fez seguindo as formalidades do Legislativo, optando por se expressar de seu modo habitual, isto é, por intermédio da música. Junto aos seus companheiros MCs (Lethal e Mortão, com os quais forma o grupo de *rap* Testemunha Ocular), pediu atenção ao

\* Este artigo é um apanhado de partes da dissertação de mestrado *Música e política: percepções da vida social brasileira no rap*, defendida em 2011 no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação do Prof. Dr. Adalberto Paranhos.

<sup>1</sup> *Apud* BITTAR, Larissa. Cantor de *hip hop* irrita deputados. *Diário da Manhã*, 11 dez. 2008.

público presente, falou algumas poucas palavras (basicamente, críticas ao caráter opressor e ao conservadorismo dominantes na sociedade em que viviam) e disparou a canção “Coronelismo”<sup>2</sup>, que, entre outras coisas, denuncia que

*Político rouba, político rouba  
Dentre mil um roda [se dá mal]  
Coronelismo tá de volta no cerrado  
Segura sua onda que agora é a volta do véio safado  
Com promessas de asfalto, moradia, café com leite  
Usando as mesmas mentiras de sempre  
Quem não conhece Iris Rezende<sup>3</sup> do PMDB?  
Em Goiás foram dezesseis anos de poder (fudeu)  
Fazendo o povo de bobo, iludindo todo o estado  
O Kajuru da Rádio K<sup>4</sup> quase foi assassinado  
Eu não me entrego  
Iris Rezende fudeu a Caixa  
Fazendo caixa dois pra campanha com o seu rastelo  
Ele arrastava servidores públicos ao desemprego  
Várias famílias ficaram sem sossego  
Cadê o BEG, Banco do Estado de Goiás?  
O Iris roubou tanto que o banco não existe mais  
[...]  
Goiânia voltou para o atraso, regime ditador  
A cultura é negada sem nenhum pudor  
[...]  
É elementar, cabra da peste, que aqui no centro-oeste  
A bicharada do poder tá tudo solta  
[...]  
Revolta, de volta  
Explode dentro do meu peito [...]*

Com essa música, os *rappers* do Testemunha Ocular atingiram tanto os políticos ali presentes (e que, certamente, desconheciam suas composições) como também um público mais amplo, já que esse evento político foi objeto de notícias e comentários em jornais, televisão, *blogs*. O agradecimento, por fim, acabou se travestindo em protesto, denúncia e um chamado sutil para as pessoas se envolverem mais na discussão dos assuntos políticos.

Cena 2: ao verem aqueles jovens que trajavam roupas largas, bonés, tênis, exibiam cabelos com *dreads* e apresentavam uma postura corporal diferente daquela típica do seu universo, boa parte dos membros da Assembleia Legislativa não conseguiu conter o seu descontentamento por aqueles sujeitos estarem ali. À medida que a música rolava, uns se punham de costas, outros conversavam entre si representando teatralmente sua indiferença, outros explodiam em risadas. A expressão de muitos políticos que ali se encontravam, estampada em suas faces, revelava irritação.

Ao final, o deputado que presidia a sessão, Wagner Guimarães, do PMDB, manifestou-se sobre o que havia acabado de presenciar: “Esta é uma das vantagens da democracia”<sup>5</sup>, afirmou ironicamente. Entre as reações, perguntaram a Cláudio Roberto (que é filho de doméstica e de metalúrgico e que estudou até o ensino médio) se sua mãe não lhe ensinara a se portar educadamente na casa dos outros... Sua resposta foi sucinta: “Não enten-

<sup>2</sup> “Coronelismo”. Testemunha Ocular. CD *Apruma-te*. Goiânia: Tratore, 2005.

<sup>3</sup> Político com larga carreira no estado de Goiás, ocupou vários cargos públicos: vereador e prefeito em Goiânia, deputado estadual, governador e senador, além de ter sido ministro da Agricultura, no governo José Sarney, e da Justiça, no governo Fernando Henrique Cardoso.

<sup>4</sup> Jorge Kajuru é comunicador e foi proprietário da Rádio K (Rádio Clube de Goiás), em Goiânia, retirada do ar muitas vezes. Por conta de suas declarações, fez inúmeros desafetos.

<sup>5</sup> Sessão especial em comemoração aos sessenta anos da Declaração dos Direitos Humanos. *TV Assembléia*, 8 dez. 2008.

<sup>6</sup> Apud BITTAR, Larissa, *op. cit.*

<sup>7</sup> *Idem.*

<sup>8</sup> *Idem.*

<sup>9</sup> FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1981, p. 75.

<sup>10</sup> LECHNER, Norbert. Os novos perfis da política: um esboço. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n. 62, São Paulo, 2004, p. 14.

<sup>11</sup> *Idem, ibidem*, p. 15.

<sup>12</sup> O *rapper* Rei, de Brasília, quando questionado acerca de sua visão política, aponta nessa direção: “odeio política, mas sei que o *hip hop* tem que ter um braço político, porque tudo é baseado nessa tal política”. HÊNIO, Nego. Entrevista com Rei. 10 mar. 2007. Disponível em <rapnacional.com.br>. Acesso em 12 jan. 2011.

<sup>13</sup> “Coronelismo”, *op. cit.*

dem que a Casa não é deles, é do povo.”<sup>6</sup> O deputado Romilton Moraes (PMDB), por sua vez, foi contundente: “Achei a música de profundo mau gosto. Foi falta de educação, era uma sessão solene, ele cuspiu na medalha que recebeu. Ingratidão com todos que a concedemos. Sou a favor da cassação da medalha. O ideal, porém, é que ele tenha elegância e devolva”.<sup>7</sup> De acordo com o Diário da Manhã, “Betinha Tejota (PSB) pensa[va] até em processar o cantor por danos morais.”<sup>8</sup>

Essa composição diz respeito à vida política, se a entendermos em um sentido mais restrito, que dimensiona como político aquilo que se dá na órbita estatal e da política profissional. Outras tantas músicas, porém – certamente a maioria da cena *rap* – passam ao largo da concepção *stricto sensu* de política. Para melhor compreendê-las, é preciso adotar um outro ângulo de visão, que deixe de enxergar o poder e a política pelo viés da “negatividade”, ou seja, associados quase exclusivamente à repressão, à dominação, à violência, à lei e ao direito, e personificados em pessoas e instituições – o Estado seria a maior delas – que “têm” o poder e que por essa razão comandariam o jogo político. Essa virada conceitual é necessária porque “a análise tradicional dos aparelhos de Estado sem dúvida não esgota[m] o campo de exercício e de funcionamento do poder.”<sup>9</sup> É um passo importante para o entendimento de que “o político relaciona a vida social com a *comunidade de cidadãos*, circunscrevendo a constelação sempre variável dos múltiplos elementos que configuram a ordem”<sup>10</sup>, perceber que o domínio do político se refere a um amplo leque de ações, sentimentos, discursos que, se ignorados, “significa[m] amputar a política e reduzir o fenômeno político a suas formas visíveis.”<sup>11</sup>

## Política e cotidiano

O evento relatado traz à baila as relações entre cultura e política. A rigor, elas ocorrem em todo o tempo e lugar. Não foi a ida dos *rappers* à Assembleia Legislativa do Estado de Goiás que emprestou uma faceta política à sua expressão cultural e ao seu comportamento em geral. Por sinal, “Coronelismo” foi um dos meios utilizados para entrar no debate da coisa pública (a música cumpria esse papel antes mesmo desse *happening*, pois havia sido composta alguns anos antes e já circulava por meio de CD).

O acontecimento ilustra o campo social em que nos movemos, dominado por uma relação entre desiguais, entre interesses opostos. Trata-se de uma circunstância da qual os homens não podem escapar.<sup>12</sup> A canção escolhida serve inclusive de alerta para que as pessoas se envolvam nessa complexa relação que orienta os rumos da sociedade, na busca de sua transformação visando à superação dos abismos sociais e políticos existentes:

[...] *Existe um abismo entre o povo e o poder*  
*Pra muitos é melhor fazer de conta que não vê*  
*Não gosta, não discute, não querem entender*  
*Estado de omissão se afastam da política*  
*Pra população a situação se torna crítica [...]*<sup>13</sup>

Assim, o que por vezes os *rappers* enfatizam é que a política, que produz consequências graves sobre a vida dos homens, deveria, em tese, envolvê-los. A crítica que formulam, no caso, advém da percepção do inverso disso, haja vista que o que sobressai é um preconceito para com



a política, de que muita gente “não gosta, não discute, não querem entender”<sup>14</sup>. Configura-se uma tendência ao que Sennet classifica como o fim da cultura pública<sup>15</sup>, que suscita uma retração ante o que é coletivo. Isso se verifica, em determinada medida, pelo mal-estar que atinge o grosso das pessoas e a política institucional, considerando-se que “uma de suas manifestações consiste na falta de confiança nela e (quase certamente) nos políticos.”<sup>16</sup>

Esse preconceito se abriga em uma noção de política em que os homens comuns – aqueles que não são políticos profissionais – não deveriam interferir, porque se trataria de um campo no qual não saberiam se movimentar ou não disporiam de poder para tanto. Exagera-se a idéia de uma distância entre dominantes e dominados e se constrói uma barreira que lhes é mostrada como intransponível. Para Cláudio Roberto e seus companheiros, tal visão faz parte da própria dinâmica do poder:

[...] *O seu distanciamento*  
*Faz parte da estratégia*  
*Dos controladores governarem*  
*Despreocupados*  
*Dos governantes controlarem*  
*Os governados*  
*Investimento maciço na ignorância*  
 [...] *Aumenta a importância da iniciativa*  
*Represente a si mesmo*  
*Nunca desista [...]*<sup>17</sup>

Essa concepção do político – sua face institucional contra a qual os MCs do Testemunha Ocular se posicionaram<sup>18</sup> – é analisada com perspicácia por Bourdieu. O autor parte da constatação da existência de um monopólio do campo político por profissionais da área em razão de haver uma “concentração do capital político nas mãos de um pequeno grupo”<sup>19</sup>, ocasionando a criação de um distanciamento daqueles que se acham “desapossados de instrumentos materiais e culturais necessários à participação ativa na política.”<sup>20</sup> Entretanto, a invenção, por parte desses “desapossados”, de produtos culturais, discursos, linguagens, comportamentos e práticas que funcionam como instrumentos para a percepção e expressão da vida social os coloca não à distância do político – apesar da esfera política ser hegemonicamente dominada por profissionais –, mas no seu interior, trazendo a política para o cotidiano.

O grupo Testemunha Ocular adverte para a importância da ação, da mobilização dos que se situam à margem na sociedade em prol de suas próprias necessidades, aspirações e desejos. Uma das maneiras de materializar tal iniciativa é o “direito de falar” (tomando emprestada aqui uma expressão de Bourdieu<sup>21</sup>), via pela qual os sujeitos se inserem no espaço público. Essa fala pode provir de variados lugares sociais – não apenas dos espaços oficiais – e adquirir dimensão política mais abrangente com base na força das ideias propostas e na sua capacidade de mobilização. Em um contexto em que as esferas de representação política não atendem aos anseios da maioria das pessoas, há os que irrompem como produtores independentes na elaboração e difusão de princípios para a vida social, fazendo-se visíveis como intelectuais.<sup>22</sup> Suas falas explicam o tremendo

<sup>14</sup> *Idem.*

<sup>15</sup> Ver SENNET, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

<sup>16</sup> LECHNER, Norbert, *op. cit.*, p. 15.

<sup>17</sup> “Coronelismo”, *op. cit.*

<sup>18</sup> Posicionamento que implica um engajamento perante o mundo em que estão inseridos, expressando como sua sensibilidade lida com o contexto social, e valoriza comportamentos não alinhados ao desinteresse, à indiferença e ao desengajamento que, segundo alguns estudiosos, são traços notáveis da personalidade do indivíduo contemporâneo. Ver, sobre o assunto, HAROCHE, Claudine. *A condição sensível: formas e maneiras de sentir no Ocidente*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008, esp. a parte em que se ocupa da “Fluidez e desengajamento”, p. 126-131.

<sup>19</sup> BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil/Difel, 1989, p. 164.

<sup>20</sup> *Idem, ibidem*, p. 164.

<sup>21</sup> *Idem, ibidem*, p. 185.

<sup>22</sup> Na acepção gramsciana, mesmo aqueles que, à semelhança de muitos *rappers*, estão perversamente integrados à sociedade capitalista, não deixam de ser intelectuais. Para Gramsci, “se se pode falar de intelectuais, é impossível falar de não intelectuais, porque não existem não intelectuais. [...] Em suma, todo homem [...] desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um ‘filósofo’, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção de mundo”. GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*, v. 2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 52 e 53.

<sup>23</sup> O que pode ser aferido igualmente em trecho de uma entrevista com o *rapper* GOG. "Entrevistador: Explica melhor esse episódio sobre o governador de Brasília, o Arruda. GOG: Na realidade, quem ligou pra gente não foi o Arruda, foi mais a assessoria dele. Perguntaram sobre a música "Fogo no pavio" [da coletânea *Família GOG: fábrica da vida*, 2001], que foi apresentada na MTV e teve grande repercussão. Eles perguntaram onde eu queria chegar com isso e se era "coisa do PT", "coisa de esquerda". REBELO, Marques e MAIO, Alexandre de. GOG (entrevista). *Rap Brasil*, n. 3, 2008.

<sup>24</sup> BOURDIEU, Pierre, *op. cit.*, p. 185 e 186.

<sup>25</sup> Efetivamente, dizer que "a ferida na perna do pretinho é quem paga/ o transatlântico romântico do casal de canalhas/ pragas são como ricos/ ricos são como pragas/ um dia desses o transatlântico naufraga" não significa que se está prestes a liquidar as desigualdades sociais que são visíveis pelo país. "Todo ódio à burguesia". Clã-Nordestino. CD *A peste negra*. São Paulo: Face da Morte, 2003.

<sup>26</sup> LECHNER, Norbert, *op. cit.*, p. 12 e 13.

<sup>27</sup> Sobre essa diferenciação entre político (conceito) e política (prática), ver DUSSEL, Enrique. *Vinte teses de política*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

<sup>28</sup> *Apud* BITTAR, Larissa, *op. cit.*

<sup>29</sup> DUSSEL, Enrique, *op. cit.*, p. 18.

<sup>30</sup> Sobre a perspectiva pela qual os fenômenos políticos foram observados, concebendo-se prioridade à órbita institucional, ver o balanço feito por GOMES, Angela de Castro. *Política: história, ciência, cultura etc. Estudos Históricos*, n. 17, Rio de Janeiro, CPDoc, 1996. Neste texto ela aborda tanto momentos em que, "no que se refere à história política, também no Brasil a tradição historiográfica é fortemente marcada por uma produção de história político-administrativa, com o predomínio de uma narrativa povoada de acontecimentos, grandes vultos, batalha etc.", quanto aquele em que se registrou "a revitalização dos estudos em história política [...] que trouxe consigo algumas orientações inovadoras e fundamentais

desconforto dos defensores da ordem instituída para com os *rappers*.<sup>23</sup> Ainda que apareçam como manifestações vindas de fora, acabam por repercutir diretamente no campo político-institucional; afinal, em "política, 'dizer é fazer', quer dizer, fazer crer que se pode fazer o que se diz e, em particular, dar a conhecer e fazer reconhecer os princípios de divisão do mundo social, as *palavras de ordem* que produzem a sua própria verificação ao produzirem grupos e, deste modo, uma ordem social."<sup>24</sup>

Isso foi pensado por Bourdieu para pessoas que atuam (ou pretendem atuar) como profissionais nas instituições de representação política. Contudo, pode ser estendido para outros agentes sociais que, se muitas vezes não têm como colocar em prática o que dizem<sup>25</sup>, o seu "dizer" se converte em "fazer" por interferir na configuração social, instalando em suas tramas uma voz crítica que propaga a desconfiança, valores alternativos, posicionamentos que, em distintas situações, são desarmônicos diante do que é hegemônico. Ora, em um momento em que "o neoliberalismo [...] pretende substituir a política pelo mercado como instância máxima de regulação social"<sup>26</sup>, as ações que exprimem a necessidade da atenção para com as questões sociais adquirem inegável relevância.

A ideia que parcela considerável dos *rappers* oferece é diversa da que pensa o político (como conceito) e a política (como prática)<sup>27</sup> pelas vias exclusivamente institucionais. Nas suas músicas e nas suas falas em geral vislumbra-se o político fora dos seus lugares tradicionais. É por isso que Cláudio Roberto destaca, ao comentar sua ação (e, por extensão, o conteúdo de sua música), que "essa é minha forma de fazer política."<sup>28</sup> É uma atitude que advoga a política no dia a dia, inclusive fora de seus espaços convencionais. Assim, pensar a política demanda atenção para com todos os mecanismos que a perpassam, pois pensá-la como uma esfera isolada de atuação nada mais é do que uma redução equivocada. O todo político está além das instituições que funcionam supostamente como sede ou fonte do poder (político). Quando nosso olhar se dirige acima de tudo para as instituições como lugar concentrador de poder, desconsideram-se os de baixo, os pobres, os setores populares, os oprimidos, que impulsionam movimentos sociopolíticos que exercem pressão e influenciam, seja lá como for, os rumos da política oficial. Apesar de contar com pouca mídia favorável às suas ações e pouco prestígio (em função da correlação de forças vigente, devido à qual o que é proposto conduz, no limite, à criminalização da ação desses sujeitos), sua presença não pode ser descartada, levando-se em consideração que "o *campo político* é um âmbito atravessado por forças, por sujeitos singulares com vontade e com certo poder."<sup>29</sup>

É fato que o que se denomina comumente como político tem um espaço próprio formado por instituições, modos de agir, princípios que, em conjunto, formam o campo político.<sup>30</sup> No entanto, embora – por meio de políticos profissionais – haja cumprido efetivamente seu papel na organização da vida nas sociedades, esse campo institucional não é isolado de outras esferas de intervenção social, tampouco é a síntese de todas elas.

As discussões acerca da política e do poder, pelo viés aqui adotado, comportam um teor diferenciado, pois ambos são encarados fora de uma concepção estreita que põe à margem a maioria da população. A política e as relações de poder emergem como algo que perpassa toda a vida social. Isso vai ao encontro da contribuição legada, entre outros, por Foucault, ao incluir na sua atividade intelectual e no percurso de suas análises políticas e/ou micropolíticas as prisões, os asilos, os hospitais e as questões da se-

xualidade, do saber e da loucura, ainda que ele não tenha elaborado uma teoria geral da política.

Quando um *rapper* afirma que “o que a gente faz é política, o que eu pratico no dia a dia é uma política”<sup>31</sup>, sua fala adquire forte significado se pensada no interior dos debates que intelectuais como Foucault estimularam. O conceito implícito de política e de poder que transparece nesse posicionamento não se prende a um lugar de origem do qual este se projeta e se faz exercer. Produz-se um desmonte da concepção tradicional do termo – que, em geral, obedece a padrões jurídicos e institucionais – ao deslocar o foco de um centro do qual emana para as operações de seu exercício. O poder passa a ser encarado, então, não como algo que advenha de uma propriedade (daquele que o detém), mas percebido como estratégias e técnicas utilizadas pelos sujeitos em suas relações. O poder (e, portanto, a política e o político) é, assim, uma relação que se estabelece em todas as dimensões da vida, inclusive na produção musical. O *rapper* Aliado G toca nesse ponto: “não resolvi entrar para a política. [...] Não participar da política é parar o relógio para economizar tempo e o tempo não existe em função do relógio. [...] Um jornalista me perguntou se toda música tem que ter teor político. Respondi que toda cultura é uma expressão política.”<sup>32</sup>

Como nada está isento de uma dimensão política<sup>33</sup>, Foucault e outros mais se propuseram a valorizar suas manifestações moleculares/microfísicas embutidas em práticas, procedimentos e técnicas com efeitos específicos para a operação do poder. Trata-se de pensar o poder “em sua forma capilar de existir, no ponto em que o poder encontra o nível dos indivíduos, atinge seus corpos, vem se inserir em seus gestos, suas atitudes, seus discursos, sua aprendizagem, sua vida cotidiana”.<sup>34</sup>

Emblemático para esse debate é outro episódio que, por sua relevância, passo a narrar agora. Em 2009 um veículo de *web TV* entrevistou o *rapper* Mano Brown, um dos mais conhecidos no Brasil. Na entrevista, realizada por Paulo Napoli, o MC foi interpelado sobre o papel pioneiro de seu grupo, acerca da época e o contexto em que o *rap* começou a ser feito/fruído no país, sobre música, consumo, meios de comunicação etc. Em dado momento a conversa é conduzida para assuntos tidos como da seara política e se trava o seguinte diálogo:

*Entrevistador: O Racionais ganhou tamanho e as pessoas passaram a conhecer cada vez mais a figura do Mano Brown, as pessoas passaram a se espelhar no Mano Brown. E... você acha que um dia você pode, de repente, entrar pra política pra ser a pessoa nisso; alguém que já te falou alguma coisa? Você acha que tem a ver, de repente, um dia você representar a comunidade do teu jeito?*

*Mano Brown: Eu já tô na política há vinte anos, irmão. Eu faço política, tudo que eu faço, de uma forma direta ou indireta, outras vezes agressiva, outras vezes disfarçado, é política. Certo? Faço política. Faço política do meu jeito. Do meu escritório, meu escritório é a rua, é a esquina, entendeu? E eu sei o que tá pegando. Antes dos verdadeiros políticos profissionais descobrir, eu já descobri.*<sup>35</sup>

Aí vemos despontar um paradoxo, duas formas de se pensar o que é o político. De um lado, o entrevistador, que identifica uma eventual atuação política de seu interlocutor à ocupação de cargos no aparelho do Estado, que dessa maneira poderia representar a comunidade, como se não fosse

[...] [como] a de que a história política tem, de forma intensa e constitutiva, fronteiras fluidas com outros campos da realidade social” (citações das p. 60 e 63).

<sup>31</sup> Entrevista com Edi Rock. 21 set. 2005. Disponível em <rapnacional.com.br>. Acesso em 13 fev. 2011.

<sup>32</sup> Entrevista com Aliado G. 5 set. 2006. Disponível em <rapnacional.com.br>. Acesso em 25 jan. 2011.

<sup>33</sup> Essa visão alargada da política provoca também críticas. Ver, por exemplo, BOITO JR., Armando. O Estado capitalista no centro: crítica ao conceito de poder de Michel Foucault. In: *Estado, política e classes sociais: ensaios teóricos e históricos*. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

<sup>34</sup> FOUCAULT, Michel, *op. cit.*, p. 131.

<sup>35</sup> NAPOLI, Paulo. Entrevista com Mano Brown. S./d. e demais referências. Disponível em <xl.com.br>. Acesso em 20 maio 2011.

<sup>36</sup> FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade*, v. 1: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2001, p. 88 e 89.

<sup>37</sup> "Soluções". GOG. LP *Peso pesado*. Brasília: Discovery, 1992.

<sup>38</sup> Assiste-se, não é de hoje, como frisa o cientista político Eder Sader, ao estilhaçamento da política mediante a politização do social: "Ao produzir a politização do social, os movimentos que emergem de 68 [alusão ao maio de 1968 na França] atacam o 'ponto fixo' da política, a ordenação das instâncias sociais encimadas pelas instituições políticas enquanto zonas próprias bem delimitadas". SADER, Eder. *Marxismo e teoria da revolução proletária*. São Paulo: Ática, 1986, p. 51-54 (citação da p. 53).

possível fazer isso de outro jeito, como se Brown já não fizesse isso à sua moda. De outro, Mano Brown reconhece que a vida política pulsa fora das instituições consagradas à atuação política, em função do modo como sujeitos se inserem na vida pública. Temos aí, igualmente, a autolegitimação dos agentes que atuam politicamente a partir da cultura.

Ao compartilhar de uma concepção alargada de poder e política, este artigo se afina tanto com a linha de pensamento exposta por Mano Brown quanto por Foucault, quando este autor insiste na observação de que, nas análises sobre o poder, é necessário estar atento para

*a multiplicidade de correlações de força imanescentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes, as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou, ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais.*<sup>36</sup>

Ao se situar o poder e, por conseguinte, a política no campo das relações sociais (em seu amplo sentido), emergem daí não relações puramente de dominação, e, sim, um complexo emaranhado de tensões e de conflitos, em meio aos quais a dinâmica social é atravessada por ações distintas, disputas de espaço (sobretudo o espaço público) e de legitimidade em torno dos discursos produzidos por atores diversos. Nesses embates, os sujeitos que se exprimem pelo *rap*, de maneira ativa e criativa, inserem-se no social e registram suas leituras e vontades políticas (por mais ingênuas e simplistas que por vezes pareçam ser), que sugerem uma ação social direcionada para transformações, ou seja, questionam a democracia existente – ou que dizem existir:

[...] *Sobre os políticos*  
*Escutem o que vamos falar agora*  
*Não há, não há nenhum*  
*No qual se possa confiar*  
*E se você votou, acreditou*  
*Vá às ruas, exija explicações*  
*E não simples desculpas*  
*Só assim conseguiremos resgatar direitos*  
*Ou ao menos um pouco do que perdemos*  
*É difícil eu sei [...]*<sup>37</sup>

Como decorrência de tudo o que foi dito até aqui, à política pode ser atribuída, por um lado, um sentido restrito, de atividade ligada à participação e distribuição de poder dentro dos mecanismos gestores do Estado por grupos que têm ou buscam projeção dentro dele. Por outro lado, é possível conferir ao conceito um sentido amplo, no qual um vasto número de práticas são dimensionadas como políticas, independentemente de elas se voltarem para o Estado ou serem concebidas, de forma consciente, como políticas.<sup>38</sup> No caso dos *rappers*, como vimos, suas ações políticas se fazem sentir em múltiplas frentes de luta. Mais um exemplo disso aparece numa declaração de Gaspar: "politizado não é apenas falar só do que falta na sua quebrada. A gente não gosta de ficar batendo na tecla da miséria. Falar





só de droga, da arma é promover tudo o que nos destrói. A gente queria mudar essa concepção, porque temos muita riqueza, tradição cultural.”<sup>39</sup>

Isso porque agir na perspectiva da transformação de imagens cristalizadas que estigmatizam determinados setores sociais, desconstruir no imaginário social a ideia hegemônica que se tem de certos lugares da cidade, ir na contramão de concepções negativas que atingem em cheio as classes populares é, também, um modo de atuação política. As denúncias, as críticas e as manifestações de desejo de outro mundo se inscrevem no mesmo terreno.

Na trilha dessa reconceitualização do que é política, desloca-se, em parte, o foco dos agentes institucionais e dos atores declaradamente políticos para as pessoas “comuns”, que, em sua vivência cotidiana, em suas práticas culturais e até em suas formas de lazer, podem, então, ser consideradas protagonistas da política. Ao reforçar essa visão, o antropólogo José Magnani, mostra que se trata de um novo jeito de fazer e pensar a política, no qual o *locus* do político não está mais, necessariamente, na fábrica ou no partido político, mas em todos os espaços e momentos da dinâmica da vida nas cidades. Nesse passo, “a pesquisa antropológica reencontra a política no cotidiano”, levando-nos a “visualizar a política onde ela não aparecia, ao menos explicitamente.”<sup>40</sup>

Convém salientar que, como esclarecem Eder Sader e Maria Celia Paoli, essa transformação na acepção de política não é puramente resultado da elaboração intelectual de intérpretes arejados, tampouco uma realidade dada à espera de que fosse decifrada. Ela, ao contrário, resulta “de todo um movimento social, que é também um movimento cultural [...] de produção de novos significados que acompanha necessariamente as mudanças na prática social.”<sup>41</sup> As bases desse novo modo de encarar as relações de poder, a política e o político a partir de lugares sociais diversos, porém com configuração pública, encontram sua síntese em uma concepção *lato sensu* segundo a qual

*o poder não deve ser encarado exclusivamente como algo que atua sobre nós, como se nos limitássemos a ser objeto de sua ação. Ele também é exercido por nós, o que nos coloca simultaneamente na condição de sujeitos e objeto do exercício do poder. Assim, quando homossexuais assumem a luta pelo direito à sua opção sexual – o que, aliás, se sintoniza com a luta pelo respeito à liberdade individual –, eles exprimem uma reação aos padrões serializados de comportamento. Nesse aspecto, os homossexuais, normalmente objeto do escárnio dos portadores de uma visão conservadora sobre a sexualidade, não só sofrem a ação do poder dominante como, ao mesmo tempo, reagem contra ele [...] Isso se aplica, igualmente, aos defensores das rádios livres: ao pregarem a realização da “reforma agrária na terra e no ar”, eles praticam a pirataria cultural e questionam a propriedade e o usufruto dos poderosos meios de comunicação, recorrendo às “barricadas hertzianas”.*<sup>42</sup>

De acordo com essa conceitualização dilatada de política, o homossexual não precisa se organizar, fundar um partido, concorrer nas eleições, adentrar no espaço do Estado para discutir a questão de sua aceitação, da mesma maneira como os envolvidos com as rádios livres não precisam buscar legitimação perante a ordem dominante para se envolverem em práticas políticas. O simples fato de existirem e se fazerem presentes na trama social já é, por si só, um ato político, seja no domínio do Estado, seja no do cotidiano. Essa perspectiva informa, objetivamente, a linha de



<sup>39</sup> Apud ROCHA, Janaina. Z'África Brasil inova com hip hop atípico. *Folha de S. Paulo*, 21 jun. 2002.

<sup>40</sup> MAGNANI, José Guilherme. Trajetos e trajetórias: uma perspectiva da antropologia urbana. *Sexta Feira*, n. 8, São Paulo, 2006, p. 33 e 34.

<sup>41</sup> SADER, Eder e PAOLI, Maria Celia. Sobre “classes populares” no pensamento sociológico brasileiro (notas de leitura sobre acontecimentos recentes). In: CARDOSO, Ruth (org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 53.

<sup>42</sup> PARANHOS, Adalberto. Política e cotidiano: as mil e uma faces do poder. In: MARCELLINO, Nelson C. (org.). *Introdução às Ciências Sociais*. 17. ed. Campinas: Papyrus, 2010, p. 54 e 55.

<sup>43</sup> TEORIA, Beto. Entrevista com Eduardo. S./d. (acervo pessoal, impresso).

<sup>44</sup> SADER, Eder e PAOLI, Maria Celia, *op. cit.*, p. 52 e 53.

<sup>45</sup> Em decorrência disso são da opinião de que “o inimigo aqui/ usa terno e gravata”. “Traficando informação”. MV Bill. CD *Traficando informação*. Rio de Janeiro: BMG/Natasha Records, 1999. Como que corroborando com esse posicionamento, outras vozes se lançam: “a verdade vem como um sopro/ o nosso inimigo é outro/ ‘o inimigo aqui usa terno e gravata’”. “Nosso inimigo é outro”. Realistas (com Renan, do grupo Inquérito, de Campinas). CD *Só prus guerreiro*. Belo Horizonte: s./d. (independente).

pensamento de muitos *rappers* em relação à sua arte e sua postura como sujeitos sociais ativos. É o que se apreende em vasta documentação, por exemplo, no posicionamento do *rapper* Eduardo:

*Beto: Pegando um gancho aí sobre esta questão de consciência [...] Hoje tem vários parceiros do hip hop atuando no campo social e político. Você acha que isso é viável?*

*Eduardo: Claro que é viável, é o que eu tento sempre passar prus cara. Não existe apolítico, num tem como. Você respira política, tudo é política, entendeu? A periferia vive a política, a guerra que existe aqui é política, então não tem como você se omitir.*<sup>43</sup>

O *rap*, em geral, tem percorrido esse caminho ao problematizar os aspectos sociais contemporâneos e ao pôr para circular opiniões sobre modos de ser e estar na sociedade. Por consequência, “o cotidiano, antes opaco espaço da repetição, passa a ser visto como lugar de luta, onde se produz a dominação e a resistência a ela.”<sup>44</sup>

### Tribunal da opinião

É importante tornar a ressaltar que, quando se afirma que a prática política dos *rappers* se manifesta em grande medida além da órbita institucional, isso não implica dizer que a política “tradicional” (seus sujeitos e seus espaços) é esquecida, ignorada ou negligenciada por eles. Pelo contrário. Ao se analisar a documentação que traz traços dos valores, dos discursos, das práticas, das representações instituídas por esses músicos percebe-se que essa questão ocupa um lugar especial. Se sua atuação sociopolítica se dá prioritariamente em espaços que não são os da atuação política convencional, em relação a ela os produtores do *rap* criaram um “tribunal da opinião”. Nele, ao encarnarem o papel de juízes orientados por uma consciência prática, comentam/blasfemam contra os rumos políticos da sociedade brasileira bem como contra os seus agentes.

O alvo de suas críticas são os políticos que, no entender dos *rappers*, prestam um desserviço à sociedade por promover e defender ações que beneficiaram setores sociais muito restritos. Atingem também aqueles que trabalham para legitimar o estado de coisas instaurado no Brasil, como empresários e intelectuais. São posicionamentos que alcançam todos os que, desfrutando de posição para mobilizar (ou contribuir com) as transformações indispensáveis para sanar os problemas sociais do país (denunciados em pelo menos uma das canções de cada grupo ou *rapper* pesquisado), optam por se posicionar em favor de segmentos e valores hegemônicos, que em nada (ou pouco) atendem ao interesse coletivo.<sup>45</sup> Tais opiniões são expostas como a síntese do que parcelas da coletividade oprimida pela ordem estabelecida gostariam de proclamar aos quatro cantos:

*Aos amigos que se foram  
E a saudade dos que estão atrás  
Das grades do esquecimento  
Aos injustiçados  
E trapaceados pelo sistema  
Aos amigos que estão do meu lado  
Aos amigos do passado  
E aos amigos que somarão no futuro*

*Aí, véio, o que vai ser dito aqui  
É o que vocês gostariam de falar  
[...]  
Meu sentimento pelo Estado  
É ódio na veia [...]*<sup>46</sup>

Esse “ódio” pelo Estado (que inclui os políticos e um vasto número de sujeitos sob o rótulo genérico de “poderosos”, de “detentores do poder”) está ancorado na sua incapacidade/desinteresse de atender a contento um universo complexo de aspirações, desejos e necessidades populares. Como os *rappers* concebem suas posturas e arte como frutos do engajamento assumido, buscam por meio delas contestar a dinâmica social que os massacra e expressar suas opiniões a respeito dos que contribuem para que tudo seja e continue a ser como era. Como integram um “movimento [que] é apartidário, é cultural, popular, de resistência, regulador e de interação”<sup>47</sup>, não podem se calar ante as urgências do social.

O tribunal da opinião investe contra as práticas e discursos que inventaram um modelo de sociedade que não funciona para todos. Os *rappers*, sensíveis às experiências vividas no mundo que lhes é proposto, retrucam. No ponto em que sensibilidade e política se cruzaram, as vozes descontentes apareceram, conferindo um novo sentido à realidade:

*...você vai sentir a política de que maneira? Por mais que o cara fala a moeda tá forte, o mercado tá isso e aquilo, você vai sentir, mano, que o cara tá desempregado, a violência continua, as pessoas tão morrendo, os mano que você vê que, quando têm acesso à escola, eles terminam o ensino fundamental, o ensino médio, mas não sabem escrever o próprio nome, não vão entrar numa faculdade. Então você vai sentir a política dessa maneira. Esta é a política que o povo sente, é a mesma que a gente vê. É a mesma que a gente analisa. Porque por mais que diga “ah!, o fulano, sicrano, ele tá fazendo um governo socialista, um governo populista, ele trabalha com o povo” [ , mas] na verdade você não vê isso, isso é só ilusão.*<sup>48</sup>

Tendo como referência essa apreensão da realidade social e sua reelaboração calcada na visão de mundo dos *rappers*, os políticos profissionais são alçados ao *status* de grandes mentirosos que nada fazem além de explorar a credulidade dos eleitores. Concebidos de maneira uniforme, linear, como se não existissem exceções a esse quadro em que a “política-lha” predomina, eles emitem seu julgamento inapelável e generalizador: “são milhares de promessas/ para serem eleitos/ e depois que são, então/ só nos dizem não”.<sup>49</sup>

Vemos aí uma constante na trajetória dessas pessoas que, ao se movimentarem nas tramas do social, não deixam de refletir e de tornar público seu pensamento. Ao vivenciar sensações difusas e procurar explicações para suas inquietações, organizam idéias que, em última instância, dialogam com o Estado e outras instituições, que, no seu entender, tanto não encaram a sério os problemas que atingem a sociedade quanto frustram parte das tentativas de reverter a situação:

*[...] Exilaram na favela o cidadão na teoria  
Oprimido, censurado, no país da democracia  
[...]  
Bala de borracha*

<sup>46</sup> “MP”. Rei. CD *A ocasião faz o ladrão*. Brasília: Discovery, s./d.

<sup>47</sup> Entrevista com GOG. 24 dez. 2007. Disponível em <enraizados.com.br>. Acesso em 13 ago. 2010.

<sup>48</sup> TEORIA, Beto, *op. cit.*

<sup>49</sup> “Soluções”, *op. cit.*

<sup>50</sup> “Discurso ou revólver”. Facção central. CD *A marcha fúnebre prossegue*. São Paulo: Discoll Box, 2001.

<sup>51</sup> “A guerra não acabou”, *idem*.

<sup>52</sup> BOURDIEU, Pierre, *op. cit.*, p. 165.

<sup>53</sup> “Se é a terra do caixa dois eu quero ir pra lá depois/ porque se nego pôs no bolso pra comprar bois/ quero meu latifúndio, cês só metem no fúndio/ e não param conjugando o verbo no gerúndio/ só se fala em milhões, é mais que o prêmio da sena/ mas pra quem tem olhões só enxerga quem acena/ se tiver um Rolex no pulso, aí vem o impulso/ pro seu interesse e quando pensa lambe seu buço/ mas se de tudo queu falei você não riu de nada/ vai ler a Constituição porque ela é uma piada”. “Isso sim é uma piada”. De Leve. CD *Manifesto* ½ 171. Niterói: 2006 (independente).

<sup>54</sup> “Na cara dura/ só cego não vê/ meu povo é pobre/ revista não lê/ não entende, não tem informação/ não estuda, nada muda/ governo nega educação/ controla o povo pelo dinheiro/ cadê o dinheiro?/ Fernando Henrique fez o Brasil virar um puteiro/ no mundo inteiro é a mesma patifaria”. “H.aço”. DMN. CD *H.aço*. São Paulo: s./ ind., 1998.

<sup>55</sup> “Somos comandados/ por canalhas desonestos”. “Ameaça ao sistema”. Radicais de peso. LP *Ameaça ao sistema*. São Paulo: Kaskata’s, 1992.

<sup>56</sup> “O povo é enrabado/ como uma atriz pornô/ parece que o povo é uma puta/ e o governo, o gigolô”. “CPI – Correções na Política Imediatamente”. MC Leco. Novo Hamburgo, s./d. (independente).

<sup>57</sup> “Regando as flores”. ClãNordestino, *op. cit.*

*Escudo do choque tomando pedrada*  
*Guerra civil em praça pública, socorro*  
*Professor com sangue no rosto, mordida de cachorro*  
*Sem teto, sem terra, sem perspectiva*  
*Sem estudo, sem emprego, sem comida*  
*O pavio da dinamite tá aceso*  
*Qual será o preço pra eu ter os meus direitos?*  
[...]  
*Se vier pro asfalto*  
*Fazer passeata*  
*Aí o PM te mata*  
*Te faz engolir bandeira e faixa [...]*<sup>50</sup>

Faz-se alusão aqui, ainda que por alto, às mobilizações sociais, às greves de professores, às manifestações do movimento dos trabalhadores rurais sem terra. A reafirmação desse discurso – que sintetiza modos de perceber, ver e expressar o social, ao mesmo tempo em que funciona como protesto, dissonância, como uma voz não exatamente afinada com aspectos fundamentais da hegemonia capitalista no mundo contemporâneo – deixa a indicação do “pra quem se fala” (mesmo que os destinatários dessas mensagens nunca venham a escutá-las). Daí que, com o dedo indicador em riste, os *rappers* apontem os responsáveis pela manutenção da ordem, entre os quais aqueles que cuidam de abafar rumores e falas indesejáveis: “aí, promotor,/ pesadelo voltou/ censurou o clipe/ mas a guerra não acabou.”<sup>51</sup>

A dimensão política evidenciada no cotidiano não está, portanto, desligada de outras instâncias, como o Estado, pois “a intenção política só se constitui na relação com um estado do jogo do político e, mais precisamente, do universo das técnicas de ação e de expressão que ele oferece em dado momento.”<sup>52</sup> O que significa que, em uma sociedade na qual o “estado do jogo político” estabelecido tem o Estado e suas instituições como importantes referências, agir politicamente pressupõe em algum momento dialogar/enfrentar suas interfaces. Talvez seja por isso que boa parte das propostas de mudança, no caso do *rap*, inclua a ascensão de novos sujeitos aos aparelhos políticos instituídos ou reformas do que está posto.

No período privilegiado neste artigo (que se estende dos anos 1990 à primeira década do século XXI), as leituras mobilizadas permanecem nos limites do descontentamento, da crítica e da reforma do sistema. As transformações que os *rappers* propõem e que emergem em seus discursos se restringem ao plano das idéias, porém, seja como for, eles contribuem para desgastar a ideologia concebida para legitimar a ordem e o estado de coisas vigente. As vozes contundentes do *rap* realizam isso por meio de uma artilharia muito peculiar: zombarias<sup>53</sup>, críticas<sup>54</sup>, ofensas<sup>55</sup>, pornografia<sup>56</sup> e coisas semelhantes.

A ideia que difundem, principalmente por intermédio de suas músicas, é a de que alguns setores da sociedade estão em guerra. E, sob certo aspecto, realmente estão, uma vez que para

[...] *Quebrar o gelo*  
*Da hipocrisia e da maldade*  
*Arrebentar de vez com*  
*As algemas da mais-valia e*  
*Da opressão [...]*<sup>57</sup>

é imprescindível ir em direção contrária àquilo que foi construído como o melhor caminho pelos seus antagonistas. Trata-se de opor-se aos defensores da ordem instaurada durante o processo histórico de modernização capitalista do país, que aglutinou características “selvagens” ao intensificar as desigualdades em função da primazia do mercado, que “induz à acumulação privada e não ao atendimento das necessidades da grande maioria da população”.<sup>58</sup>

A política governamental da década de 1990 iria, supostamente, acertar os ponteiros nacionais com o relógio que regia a vida mundial graças à adoção de medidas que selaram a adesão ao neoliberalismo. Nesse período, observou-se “a emergência, na diplomacia brasileira, de um discurso de modernidade, no qual o alinhamento com as prescrições da política neoliberal seria o caminho para uma maior inserção do país no sistema internacional e através desta poder-se-ia negociar a obtenção dos meios para o desenvolvimento nacional.”<sup>59</sup>

Era o início da implantação de uma série de decisões que afetaram de modo mais sistemático os segmentos mais pobres da sociedade (dos quais provinham a maioria dos *rappers*): puseram-se em prática cortes nos gastos públicos com assistência social, ajuste fiscal, reformas comerciais e patrimoniais com largas vantagens para as “forças do mercado”.<sup>60</sup> Embora essas experiências começassem a despontar na década de 1970, sua vigência em nosso país, por razões políticas, só vingou efetivamente nos anos 1990: o “caráter retardatário da aplicação do programa neoliberal no Brasil tem raiz política: a crise do regime militar e a ofensiva democrática e popular dos anos 80 fecharam o espaço para o domínio neoliberal.”<sup>61</sup>

Esse processo de modernização capitalista, respaldado pelo Estado brasileiro<sup>62</sup>, foi visto em negativo na produção cultural dos *rappers* atuantes durante os anos 1990 e na década seguinte. Sua prática esteve, claro, inserida nessas transformações e simultaneamente se alimentou dela e de toda atmosfera social que esse tempo histórico proporcionou. No bojo dessas mudanças, os interesses públicos não foram levados na devida conta (e nem podiam, pois isso seria romper com as prerrogativas neoliberais), salvo medidas pontuais que visavam atenuar as tensões e diminuir a pressão social, sem jamais atacar suas causas.<sup>63</sup> Para parte significativa da população restou o endurecimento de suas já precárias condições de vida, como expresso em música do grupo Realidade Cruel: “pra nós sempre sobra/ as mesmas merda/ obrigado a morrer no/ estado de miséria nas favelas”.<sup>64</sup>

O Brasil entrava definitivamente na órbita neoliberal, e essa nova orientação política e ideológica assinalou uma reestruturação da hegemonia burguesa nas esferas sociais como um todo (econômica, política e cultural), culminando com a reforma do Estado capitalista no país. Tal reforma criou as condições para um novo ciclo de acumulação – sobretudo no que se relacionava ao mercado financeiro –, que aumentou ainda mais as disparidades econômico-sociais. Além disso, ela contribuiu para gerar um elevado o índice de desemprego, a precarização e flexibilização negativa das atividades profissionais e o aprofundamento da agonia das classes populares, mais uma vez golpeadas nas suas conquistas, costumes e dinâmica de vida. As denúncias dessa situação são uma constante na produção musical *rap*:

[...] É uma grande falta de vergonha  
[...]

<sup>58</sup> SADER, Emir. *Perspectivas*. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 22.

<sup>59</sup> MACHADO, Sílvio Romero Martins. *Ideologia e discurso diplomático: a inserção do Brasil na ordem neoliberal (1985-1999)*. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Ibéricas e Americanas) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUC–Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005, p. 9.

<sup>60</sup> Ao rememorarem esse período, os *rappers* do Posse Mente Zulu chegam a uma conclusão nada agradável: “2002, oito anos de FHC/ e o povo só se...”. “Caindo na real”. Posse Mente Zulu. CD *Revolusom: a volta do tape perdido*. São Paulo: Unimar, 2005.

<sup>61</sup> GUIMARÃES, Juarez. A crise do paradigma neoliberal e o enigma de 2002. *São Paulo em Perspectiva*, 15 (4), 2001, p. 136.

<sup>62</sup> Ainda que se pregue uma postura antiestatista no mundo atual, na prática o Estado, em larga medida, tem cumprido o papel de agir de modo decisivo em prol da continuidade da hegemonia burguesa: “Independentemente do apregoado pelos ideólogos do neoliberalismo, nas últimas décadas o papel do Estado assumiu uma importância cada vez maior para assegurar a perpetuação das relações capitalistas de produção [...] O capitalismo contemporâneo promove uma cruzada teórica contra o Estado, enquanto no plano prático não cessa de fortalecê-lo e designar-lhe novas tarefas e funções”. Ver BORON, Atilio A. Poder, “contrapoder” e “antipoder”: notas sobre um extravio teórico-político no pensamento crítico contemporâneo. In: MORAES, Dênis de (org.). *Combates e utopias: os intelectuais num mundo em crise*. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 114.

<sup>63</sup> Tais medidas não foram ignoradas por vários *rappers*. A despeito da hegemonia neoliberal reinante nas últimas décadas, eles não avaliaram da mesma forma os governos FHC e Lula. Apesar dos pesares, ao governo Lula se concedeu algum desconto, como é possível notar em “Brasília periferia 1, 2 e 3”. Gog. CD *Cartão Postal Bomba*. Brasília: Só Balanço, 2007, em que o *rapper* assinala que no período de governo do

PT “nem tudo [foi] negativo/ a Bolsa Escola foi um atrativo pro lado de cá/ de lá/ vi muito moleque voltar a estudar”. É o caso, ainda, do grupo Inquérito, que apresenta da seguinte maneira a encruzilhada vivida na virada do século: “a única esperança que nós poderia ter/ votar no PT ou pegar na PT [pistola]”. “Pó... esia”. Inquérito. CD *Corpo e alma*. São Paulo: LiteraRua, 2014.

<sup>64</sup> “O crime não é o creme”. Realidade Cruel. CD *Quem vê cara, não vê coração*. Hortolândia: s./ind., 2004.

<sup>65</sup> “Soluções”. GOG, *op. cit.*

<sup>66</sup> Neste texto não se pensa globalização como o suposto fim das barreiras/fronteiras ou o encurtamento das distâncias, como alardeado pelo senso comum e pelos ideólogos que trataram difundir mundo afora argumentos sedutores. Globalização, aqui, refere-se a uma nova fase do capitalismo. Os *rappers*, por exemplo, em nada se oporiam se a globalização estivesse de fato relacionada com o fim das barreiras sociais, da circulação irrestrita de pessoas e culturas. Ao se valerem de um gênero “estrangeiro”, evidencia-se que essas pessoas não colocam restrições à circulação de ideias e práticas culturais. Seus questionamentos e insatisfações são por ela ter acionado um direcionamento social, político e econômico que multiplicou as desigualdades e desmontou articulações/garantias sociais em nome da mercantilização sem limites. Ver CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xaviana, 1996.

<sup>67</sup> Em certo sentido também não negaram a responsabilidade que tinham, verbalizando a necessidade do envolvimento das pessoas com a causa da transformação social: “pega nos caderno e se alista/ não foge, não se esconde/ [...] precisamos de cada um pra guerrear/ [...] sozinho não dá pra chegar a nenhum lugar/ não tem pra ninguém se a gente se juntar”. “Nosso inimigo é outro”, *op. cit.*

<sup>68</sup> “Meus inimigos estão no poder”. Apocalipse XVI. CD *Segunda vinda, a cura*. São Paulo: 7 Taças, 2000.

<sup>69</sup> BENJAMIN, César *et. al.* *A opção brasileira*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998, p. 151.

*Ontem alguém morreu numa fila de hospital*

*E o pior*

*Nada, nada fazem pra melhorar*

*Não aguento*

*Não aguento tanta incompetência*

*Vou falar, protestar*

*Não!*

*Não tente me calar [...]*<sup>65</sup>

O impacto da reestruturação do capitalismo na vida das pessoas comuns foi imenso, agudizando problemas sociais crônicos e ampliando as tensões presentes nas relações de poder/sociais. Não por acaso presenciamos a eclosão de muitos movimentos sociais na década de 1990, alguns deles embalados por uma posição expressamente contrária à globalização<sup>66</sup>, ao neoliberalismo e às suas consequências. Foram construídos por pessoas que sentiram no seu cotidiano o peso das mudanças em processo e que avançavam um dia após o outro. Embora os *rappers* não tenham assumido uma postura de enfrentamento (nos moldes do MST ou dos zapatistas), eles marcaram presença no debate sobre a violência desse modelo de gestão e manutenção da sociedade capitalista e, mais ainda, denunciaram/propagaram a crueldade que se espalhou pelo país.

E não pouparam palavras no momento de enunciar aqueles que identificavam como os maiores responsáveis<sup>67</sup> pela configuração social que se formou. Setores vinculados à política institucional (sobretudo políticos conservadores, intelectuais de direita, empresários etc.) que, junto a outros segmentos sociais, reconfiguraram a hegemonia capitalista e defenderam a implementação de umas tantas transformações e zelaram pela legitimidade do “novo” ordenamento social foram considerados

[...] *Traidores,*

*Patrocinadores do circo de horrores*

*Vendidos, manipulados*

*Homens caluniadores,*

*Carrascos do seu próprio povo*

*Vocês me dão nojo,*

*Vocês me dão ânsia [...]*<sup>68</sup>

Assim, o capitalismo brasileiro contemporâneo e toda a palavra empenhada em sua sustentação caíram em descrédito quando o tribunal da opinião levou a julgamento a realidade social que em nada se assemelhava às promessas de que, sob o ideário da nova ordem, “da mensagem ideológica que ouvimos todos os dias e que predomina amplamente como pano de fundo da política brasileira atual”<sup>69</sup>, seria possível criar a “condição para a realização das aspirações de todos no futuro”.<sup>70</sup> Levantaram-se suspeitas, calúnias, desconfianças e reprovações que atingiram em cheio aqueles que na prática trabalham para o aprofundamento das desigualdades sociais (inclusive no interior das esferas institucionais), na contramão do que seria ideal na perspectiva da grande maioria dos *rappers*. Nesse campo de conflitos os políticos profissionais figuram em lugar de destaque, como revela o extenso, porém significativo, trecho de uma composição:

[...] *Meu inimigo tá a mil de BMW*

Com mansão confortável, prostituta do lado  
 Horário reservado na TV, no rádio  
 Pra reverter meu voto em caixão lacrado  
 Quem come lixo é presa fácil, é um, dois  
 Vai pra urna por um quilo de arroz  
 Pega fila no sol com título de eleitor  
 Pra pôr ladrão na limusine com batedor  
 O país privatizado do Plano Real  
 Só me dá indulto de Natal, uma condicional  
 [...]

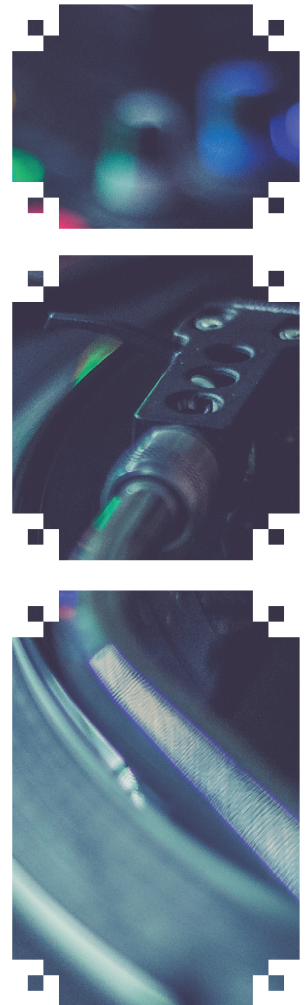
Destruo o seu barraco, te dou uma cobertura  
 Promessa de campanha do demônio engravatado  
 Que tem a avenida de orçamento superfaturado  
 [...]

Eu não preciso de internet, biblioteca  
 Pra entender a política moderna  
 Pra mim é tiro de 12, ódio, dor  
 Pra quem roubou meu voto é conta no exterior  
 Filho na Disneylândia com Mickey, com Pluto  
 Torrando a propina do camelô no primeiro mundo  
 Salário mínimo aprovado no Senado  
 É apologia ao empresário torturado, esquartejado  
 A Câmara dos Deputados cheira a carnificina  
 Tem a feição de Hitler nazista  
 Verbo terrorista, Facção até morrer  
 Usando a mente como um tiro de PT [...] <sup>71</sup>

Os beneficiários da ofensiva neoliberal foram responsabilizados pelas catástrofes que assolaram a sociedade. O fato de uns se beneficiarem, enquanto outros cuidam de “pagar a conta” desse ajuste do capitalismo que arrochou as já duras condições de vida dos trabalhadores, originou um mal-estar que expressa parte dos conflitos sociais existentes, em que a precariedade foi “capitalizada” para aprofundar os mecanismos da dominação social, como traduzido pelo *rapper* Eduardo: “tá com fome,/ vota em mim que tem comida/ problema é água,/ eu trago carro-pipa”.<sup>72</sup>

Nesse contexto, as vivências cotidianas foram redimensionadas a partir da narrativa dos *rappers* e atreladas a processos sócio-históricos de opressão. Ao verbalizar, na poética do *rap*, o significado de suas experiências e a de seus iguais (negros, pobres, favelados, periféricos), produziram um relato em que elas emergiram associadas à exploração. Essa opinião deu sentido às vivências sociais do período e é perceptível em várias intervenções feitas por *rappers*, por exemplo, quando Mano Brown, comenta uma das letras de seu grupo antes de uma apresentação em Porto Alegre:

*Aê, aê, mano, em todo lugar que o Racionais vai, em toda periferia, morô?, seja em São Paulo, seja no Rio, seja em Belo Horizonte, morô?, mano, seja na baixada santista, morô?, os problemas são parecidos, as pessoas são parecidas, o modo de vestir é parecido. Se você pensa que você que é muito diferente dos mano lá de São Paulo, cê tá enganado [...] nós somos tudo de um povo só, tá ligado? Um povo que desde que chegou aqui no Brasil, por trezentos e tantos anos de escravidão nunca recebeu nenhum cruzeiro de indenização, morô? [...] aí, ninguém deu a liberdade pra nós, mano, nem pra minha mãe, nem pra sua mãe. A minha mãe conseguiu a*



<sup>70</sup> *Idem, ibidem*, p. 152.

<sup>71</sup> “Meus inimigos estão no poder”, *op. cit.*

<sup>72</sup> *Idem.*

<sup>73</sup> Mano Brown em *show* em Porto Alegre. Racionais MCs. CD *Ao vivo em Porto Alegre*. S./ind., 1998 (não oficial).

<sup>74</sup> “A trilha sonora do gueto”. Realidade Cruel. CD *Dos barracos de madeirite... aos palácios de platina*. Hortolândia: s./ind., 2008.

<sup>75</sup> FERRÉZ. Entrevista com Eduardo. *Manos e Minas*. São Paulo, TV Cultura, 10 dez. 2008.

<sup>76</sup> *Idem*.

<sup>77</sup> Não é por acaso que “é lugar-comum, hoje, em qualquer parte da sociedade produtora de mercadorias, um clima de *adversidade e hostilidade* contra a esquerda, contra o sindicalismo combativo e os movimentos sociais de inspiração socialista”. ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?* Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo trabalho. 2. ed. São Paulo-Campinas: Cortez/ Editora da Unicamp, 1995, p. 67.

<sup>78</sup> “Som de resposta”. Negredo. CD *Mundo real*. São Paulo: Atração Fonográfica, 2006.

*liberdade dela lavando roupa pra playboy, morô? Tá ligado? Minha mãe conseguiu a liberdade dela passando roupa pra playboy pra ganhar salário de merda, tá ligado? A escravidão pra mim ainda não acabou.*<sup>73</sup>

Aí, passado e presente se misturam na maneira como o *rapper* cria sentidos para a realidade social. A questão, no caso, não é o trabalho em si. É, isso sim, a maneira como o trabalho é experimentado e recompensado que lhe atribui o sentido de exploração. Inserindo-a em uma perspectiva de longa duração, constata que a condição de exploração tem lastro histórico e que, apesar das mudanças e das conquistas verificadas ao longo do tempo, o grupo social do qual provém continua como um estrato social explorado e em desvantagem quando o assunto é a divisão das riquezas produzidas socialmente – algo que foi reforçado pela ofensiva neoliberal.

A consciência que os *rappers* desenvolveram colocou em questão igualmente o papel das supostas instâncias estatais de proteção e de garantias. No seu entendimento, elas falharam, pois

[...] *Por aqui ainda tem enchentes*  
*E barracos*  
*Famílias desabrigadas*  
*Crianças morando nos pátios*  
*De escolas públicas*  
*Sonhando com a ajuda*  
*Do governo que não viabiliza a infraestrutura*  
*Tenho comigo um sentimento de revolta*  
*Mas o rap não faz mágica*  
*Não tira da cartola [...]*<sup>74</sup>

A dimensão sensível dos sujeitos confrontados pela ação ou omissão de gestores públicos é perceptível também no que diz o *rapper* Eduardo, em bate-papo com o *rapper* e escritor Ferréz, no Bar do Saldanha, em São Paulo: “é só você olhar pra periferia, pra favelização, que você vai entender que existe uma luta de classes, entendeu?”<sup>75</sup> Complementando sua ideia, ele esclarece como encara esse conflito:

*essa luta de classes se dá onde? Claro, não passa o playboy de jatinho jogando míssil, não passa ele de limusine atirando. [...] [é] através dos empregos, aonde ele tem lucros exorbitantes em cima da mão de obra do empregado que recebe um salário que é um valor x estipulado justamente pra que ele só não morra de fome, pra que ele volte no outro dia, não pra que ele ascenda socialmente. [...] uma classe tentando derrubar a outra.*<sup>76</sup>

É óbvio que a classe dominante não se reúne em uma assembléia para definir diretrizes com o objetivo único e exclusivo de orquestrar a dominação implacável dos que possuem apenas a força de trabalho para defender a sua sobrevivência. Se existem níveis variados de dominação, parte se baseia na própria dinâmica do processo social em curso, à qual se acrescenta a ação daqueles que trabalham inclusive no plano da subjetividade para naturalizar seus valores e resultados.<sup>77</sup> Entretanto, por mais simplistas que pareçam, são nesses termos que a vida social é sentida por determinadas pessoas que vivenciaram o Brasil das últimas décadas, entre elas alguns *rappers*.



Nesse mesmo sentido, para os gestores sociais e os políticos, se as atividades que exercem profissionalmente não reverberam positivamente no campo social – por não operarem na perspectiva de desconstruir situações de opressão, reduzir a miserabilidade e promover uma melhor distribuição e acessibilidade aos equipamentos imprescindíveis à vida social, como escolas, hospitais, lazer – restam palavras e atos de reprovação: “se o mundo tá louco/ o povão tá pior/ se depender de político/ vai ficar só o pó”.<sup>78</sup>

Na ótica dos criadores de *raps* é possível captar os sinais de uma leitura do processo social em que a situação de urgência em que estão metidos vem sendo constantemente negligenciada, o que explica, em parte, seu descontentamento:

[...] *Vejam os jovens rappers*  
*Pela cidade*  
*Pregando a moralidade*  
*Por outro lado, vejo o quadro inverso*  
*Velhos gagás*  
*À toa no Congresso*  
*Alguém se vira e me pergunta:*  
*Por que tanta ira?*  
*Vivo entre a mira*  
*Do mala e do tira [...]*<sup>79</sup>

Dessa forma, eles se colocam às claras ante sujeitos e instituições que deveriam atender os anseios da coletividade por serem, em tese, representantes dela. Assim, os *rappers* não falam apenas aos seus iguais, porque, se o *rap* é som de favelado, de preto, de pobre, é também a música que fala para o asfalto/centro, para as classes dominantes, para os formuladores de políticas públicas, como vemos claramente na composição “Brasil sem educação”, do Face do Morte:

[...] *Aí, Ministro da Educação,*  
*O futuro da nação*  
*Vai à escola só pela refeição*  
 [...]
 *Crianças esperanças*  
*Que não foi a escola por causa do frio*  
*Ou da chuva*  
*Que não tem caderno, lápis*  
*Sapato nem blusa*  
 [...]
 *Será que você consegue avaliar a situação dessa criança*  
*Carente, faminta, machucada por dentro*  
 [...]
 *Aí, ministro, Brasil tá sem educação*  
 [...]
 *Aí, ministro, sou porta-voz desse povo faminto*  
*Meu povo sofre, sofre, se lembre bem disso*  
 [...]
 *Pode crer que eu não sou bobo*  
*Cadê as faculdades para o povo?*  
*Onde estão as promessas mostradas pela Globo?*

<sup>79</sup> “Papo cabeça”. GOG, *op. cit.*

<sup>80</sup> “Brasil sem educação”. Face da Morte. CD *Crime do raciocínio*. São Paulo: Sky Blue, 1999.

<sup>81</sup> “Coração feito de África”. ClãNordestino, *op. cit.*

<sup>82</sup> BUZO, Alessandro. Entrevista com Nando. 2 dez. 2008. Disponível em <buzoentrevistas.blogspot.com.br>. Acesso em 13 dez. 2010.

[...]

*No Brasil sou mais um que foi oprimido  
Com aquele salário de fome iludido [...]*<sup>80</sup>

Essa postura engajada busca verbalizar o ponto de vista de setores sociais específicos. Os *rappers* sustentam, frequentemente, a concepção de que existem vários “brasis”, pois, ainda que a experiência histórica seja a mesma para certo grupo de pessoas, o modo como a vivenciam e a elaboram mentalmente – equacionando-a a partir de valores, sentimentos, ideias – é distinto. A experiência e a sensibilidade gestadas com base em disposições sociais (lugares culturais, econômicos, políticos) criaram as representações desarmônicas da poética *rap*. Quando o ClãNordestino, juntamente com Gaspar (MC do Z’África Brasil), canta em “Coração feito de África” que

[...] *Reverencia a rebeldia*

*Contra a burguesia*

*Que te aprisiona, te deixa em coma*

*Refém da covardia*

[...]

*Justiça, dignidade*

*Sem maquiagem, sem traiçagem*

*África, Brasil*

*Periferia sem apartheid*

[...]

*O terrorismo no Brasil do coronelismo*

*O país dos dízimos, do capitalismo*

*Do egoísmo, reduzido em ismos*

*E vamos indo contra a elite*

*Suportando como pode*

*É forte o choque*

*A sua Glock não destrói*

*Meu hip hop [...]*<sup>81</sup>

estão mobilizando sentimentos (e ressentimentos) e forjando uma imagem clara que contrasta o posicionamentos dos *rappers* com o dos cultores do neoliberalismo empenhados em fazer frente às crises de acumulação do capital.

Esta é, enfim, a opinião manifestada por sujeitos que conceberam uma leitura pertinente para a realidade social, ao pronunciarem a sentença de condenação do modelo social atual. Pudera, para eles o tempo não para e há tarefas inadiáveis: “o *hip hop* não pode mais perder tempo [...] estamos trabalhando com vidas, com pessoas que vivem à margem [...] e temos que cobrar do poder público”.<sup>82</sup>



*Artigo recebido em novembro de 2013. Aprovado em janeiro de 2014.*